

A VISITA AO VETERINÁRIO

Já eram mais de 18:30 quando as duas estavam olhando a orelha do cachorro à luz da lanterna do celular.

___ A orelha do Bola está mais inchada, olha isso!

___ Tá parecendo um balão. Temos que leva-lo logo ao veterinário. Amanhã é sábado.

___ Vou ver se tem atendimento lá na clínica, onde a gente levou o Luke . Tu já viu que a outra começou a inchar? É bom levar logo mesmo, Marta. Tadinho do bichinho! Já à noite, Pedro, cunhado das duas moças, aparece preocupado com o cachorro.

___ E aí, como está o Bola?

___ Deixa-me te mostrar, Pedro.

As duas acendem a lanterna do celular. A orelha do cachorro está muito inchada.

___ Nem deve doer?! Já marcou com a clínica veterinária, Marta?

___ Acabei de mandar um whatsapp.

___ E esse cone na cabeça dele?

___ Fui eu que coloquei com a ajuda do José. Ele estava mexendo e coçando demais a orelha. Ele almoçou bem, só que não quis jantar.

O cunhado havia levado comida para as galinhas, que o pai das duas garotas criava. Na sala, em frente à televisão, elas ficaram pensando no cachorro e como iriam a outra cidade vizinha, onde havia a clínica. Na cidade pacata onde elas moravam, não havia. A irmã mais nova foi ao quarto dos pais e pediu ao pai que fosse levar o cachorro com elas.

¹ Mestra em Letras com ênfase em Literatura pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. E-mail: necah.lima@hotmail.com

___ Minha filha, amanhã não dá pra mim não. Vou capinar minhas melancias que o mato está grande.

___ Papai, o senhor tem que ir com a gente porque só nós duas ficará difícil segurar ele.

___ E o José?

___ O José disse que não pode não.

___ O José é um morto de preguiça. Num faz nada. E o que que tem ele faltar um dia pra ajudar vocês? A aula dele, né, é on-line? Isso tudo é preguiça dele. Eu não o vejo estudando!

O pai foi à sala e falou com a outra filha.

___ Pra mim, não dá não.

___ Pois, vamos só nós duas; apenas nós duas vamos levar o Bolinha.

___ Já confirmei com o rapaz. Eu perguntei se a gente poderia levar um vídeo ou uma foto do cachorro, porque a gente morava longe. Ele disse que quer ver o cachorro.

___ Vamos mesmo, temos que levar o Bola.

A irmã mais velha ficou observando o cachorro e nutrindo um sentimento de compaixão, pensou consigo mesma que a melhor coisa que haviam feito, foi adotar o pobre cachorro, dando-lhe um lar e muito afeto. Elas dormiram e, no dia seguinte, o pai, muito cedo, bate à porta com o tom de voz alterado, perguntou o horário que iriam.

___ Papai, agora que são seis da manhã, nós vamos 8:00 horas.

___ Lá são oito horas.

___ Papai, o atendimento começa às nove.

O pai, muito cedo, saiu para ver suas vazantes de arroz e de melancia. Quando voltou, foi logo procurando sacos, papelão e pano para forrar os bancos de trás do carro para levar o cachorro que já tinha conseguido tirar o cone da cabeça.

Maria achava que o cachorro daria trabalho na ida, dentro do carro. Ela abriu o portão e, antes de fazer essa ação, ajudou o pai a colocar o cachorro no carro. Bola estava muito comportado. Conseguiram chegar à clínica. O cachorro estava muito sujo e tanto Marta quanto Maria tentaram alimentar e dar água ao cachorro, mas ele não quis. As duas buscaram a ração e a água no carro. O pai estava chateado.

___ Volta com essa ração que ele não quer. Deixa de ser burra! Tu vai molhar a ração. Deixa dentro do saco!

___ Papai, pare com isso! O senhor é muito é ignorante!

Marta e Maria compraram uma coleira nova e uma corrente para o cachorro, pois a que estava no Bola, visivelmente, notava-se aos farrapos e muito suja. Para o pai não havia necessidade de comprar outra.

A coleira e a corrente custaram em torno de cinquenta reais. Mais uma discussão.

__ Pra que vocês compraram isso?! O cachorro não precisa! Ele nem usa corrente na coleira!

__ Papai, claro que precisa, olhe só a situação dessa corrente, toda enferrujada! Marta decidiu e comprou. A troca tanto da coleira quanto da corrente foi difícil.

__ Papai, deixe eu trocar a coleira!

__ Não! __ O pai puxou a coleira e junto o cachorro. Enquanto isso, Maria ria absurdamente.

__ Tu é muito burra! Num precisa disso pro Bola não. Essa coleira é pra Amora.

__ Papai, eu comprei foi pro Bola. Pra Amora, eu compro outra. Marta e Maria seguraram a coleira para poder fazer a troca.

__ Solta esse cachorro. Vocês são muito burras!

E assim passou um tempo. As atendentes ficaram caladas ouvindo o pai das duas moças brigar com elas. Até que o veterinário chegou e entraram para consultar o Bola.

__ O que aconteceu com o cachorro?

__ Doutor, ele começou a coçar a orelha e ficou inchada que nem um balão. Também está cego de um olho. É de família, os irmãos dele todos ficaram cegos. __ o pai das duas moças explicou a situação.

__ Deixa-me ver aqui. Vou passar um colírio para esse olho aqui, pois o outro já não tem mais jeito. Ele tem otohematoma. Tem que fazer cirurgia.

__ Tem como ele fazer ainda hoje? Nós somos de outra cidade, não somos daqui.

__ Faço sim, tem que ser nas duas orelhas.

__ E doutor quanto é o preço? __ perguntou o pai. __ É muito caro? Porque a gente tem que perguntar para saber das coisas.

__ Papai!

__ É claro, minha filha! Como é que a gente vai fazer uma coisa sem saber?

Maria saiu da sala rindo até as tantas. Já estava com um tempo que ria sem parar. A sorte era que estava de máscara, o que impedia os risos e abafava o som da risada. Após a consulta, a atendente solicitou o nome do cachorro, o nome da dona e o procedimento cirúrgico que seria feito.

__ Seu nome, por favor!

Ao passo que era solicitado, Marta respondia. Maria, com riso fácil, ria ao imaginar, o nome do cachorro.

__ Nome do cachorro.

__ Bola. __ disse Marta. __ Motivo para riso instantâneo. Ela ria de tudo.

Mas, houve um episódio interessante: o cachorro estava muito sujo, pois não banhou e, antes de colocarem no carro, tiveram que pegá-lo na churrasqueira entre cinzas e carvão, porque não queria sair de lá. As pessoas olhavam para o cachorro e o pai das duas moças ficou com ele do lado de fora esperando a hora de o cachorro ser chamado para a cirurgia. As pessoas curiosas olhavam para a orelha do cachorro.

__ O que aconteceu com esse cachorrinho, moço?

__ A orelhinha dele está inchada. Mas pense num cachorro bom. Não entra ninguém lá em casa. E ele quando está limpo, fica pretinho, chega brilha. O negócio mesmo é a orelha dele. Tá inchada de sangue. É tipo uma micose que dá, chega ele coça, viu moça! Coça demais. As pessoas olhavam com pena do cachorro.

__ E ele é bem gordinho, né, moço?!

Finalmente o cachorro entrou para a cirurgia. Ficaram todos esperando na entrada da clínica. Apareceram mais cachorros para cirurgia, uns para consulta, outros para banhar e um para quimioterapia. Saiu um cachorro nos braços de um assistente, o cachorro usava um colar, uma espécie de cone igual ao que foi colocado no Bolinha em casa. Como estava anestesiado, ficou com a língua do lado de fora. Entrava e saía cachorro e nada de Bola.

Repentinamente, Bola saiu da sala de cirurgia, aproximadamente uma hora e meia. Pronto, o Bolinha estava bem. Pagaram a conta e voltaram a casa. O pai que não queria ir porque queria capinar a vazante de melancia, admirou-se, o cachorro foi muito comportado, mais do que os outros dois que eles já tinham. A preocupação do pai era com o fato de que Maria não conseguisse segurar o cachorro, ele corresse e um carro o pegasse e assim o cachorro morresse. E nada disso aconteceu, Graças a Deus! Na volta, Bola também estava com a língua do lado de fora e foram para a casa. Aguardavam a volta ao consultório após quinze dias, o que foi recomendado pelo

veterinário. O cachorro, agora, voltava para casa bem. Os três: Marta, Maria e o pai voltavam satisfeitos e contentes.